

## AS TRABALHADORAS: TECENDO A EXISTÊNCIA E TRAMANDO A RESISTÊNCIA

CAROLINE DUARTE MATOSO<sup>1</sup>; CLARICE GONTARSKI SPERANZA<sup>2</sup>;

<sup>1</sup> *Mestrado em História – Universidade Federal de Pelotas –  
historiamatoso@gmail.com1*

<sup>2</sup> *Programa de Pós-graduação em História – Universidade Federal de Pelotas -  
clarice.speranza@gmail.com2*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho compõe o projeto de mestrado que desenvolvo no Programa de Pós-graduação em História da UFPel. Nele analiso a Fábrica Rheingantz, situada na cidade de Rio Grande (RS) e cuja fábrica foi pioneira na industrialização do município, se estabelecendo na cidade em 1873 (FERREIRA 2013). Acompanhando os setores têxteis, a composição da mão de obra da fábrica era predominantemente feminina, como apontado por HORNES (2013), que a estimava em 80% do total de operárias/os. Se destacando pelo seu tamanho e investimento, a Fábrica Rheingantz contribuiu para o crescimento da cidade e, ao empregar mulheres do município, de outras regiões do Brasil e estrangeiras, colaborando para a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Todavia, estudos apontam para a exploração da mão de obra feminina [CISNE, 2015; SAFFIOTI, 2013; ARRUZA, 2015; DAVIS, 2016]. A partir deste pressuposto, o objetivo deste trabalho é analisar as experiências das trabalhadoras da fábrica Rheingantz enquanto algo relacional e histórico, entendendo classe como um “fenômeno histórico [...] algo que acontece nas relações humanas. Mais do que isso, a noção de classe contém a noção de relação histórica [THOMPSON, 1987 p.9].” Não sendo abstrada, a classe também não é homogênea, mas sim composta por diferentes sujeitos históricos, onde o capital para se apropriar da mais-valia criará hierarquias em seu interior, marginalizando diversos setores de sua composição: mulheres, negros/as, LGBTT’s [CISNE, 2015].

A partir do recorte temporal de 1920 a 1935, anos de crescimento econômico da fábrica Rheingantz, procura-se analisar, através das memórias, narrativas de trabalhadoras/es e entender qual o signo das experiências vividas na Fábrica pelas trabalhadoras. Também busca-se identificar quais lugares ocupacionais e salariais eram destinados às trabalhadoras, analisar as culturas de classe e como essa se relaciona com as relações de poder patriarcais presentes em nossa sociedade e a sua participação, ou não, no movimento operário.

### 2. METODOLOGIA

Para explorarmos os objetivos levantados acima, utiliza-se da metodologia de história oral e análise de fonte documental, a partir do acervo do Centro de Documentação Histórica da FURG – Universidade Federal de Rio Grande. Foram analisados até o presente momento, 10 entrevistas realizadas com trabalhadoras/es da fábrica Rheingantz, cadernos contendo os dados dos filiados da Sociedade União Operária (entidade representativa das/os trabalhadoras/es de

Rio Grande, fundada em 1893), assim como atas de posse das diretorias eleitas anualmente e os nomes que preencheram os cargos da mesma.

As entrevistas analisadas foram realizadas nas décadas de 80/90, compondo um projeto realizado pela Prof<sup>a</sup> Maria Regina da Silva Freitas e as/os bolsistas do CDH, com a finalidade de documentar/preservar a história da fábrica Rheingantz. A partir destas narrativas busco averiguar os signos do passado vivido pelas/os trabalhadoras/es, no entendimento que a história oral é construída por memórias em que o presente da/o entrevistada/o irá interferir nas recordações do passado [THOMPSON, 1992], onde os próprios elementos que o depoente recorda passam por uma filtragem em sua memória e o presente é um fator determinante. A partir dos engajamentos e aspirações do presente, o narrador irá fazer suas escolhas memoriais (CANDAU, 2011).

Além das entrevistas, analiso o material da Sociedade União Operária, entidade que representava as/os trabalhadores/as de Rio Grande. Conforme CELLARD (2010), na análise de fonte documental, seja primária ou secundária, é imprescindível explorar a conjuntura política, social e cultural do período no qual ela foi produzida. “O exame do contexto social global, no qual foi produzido o documento e no qual mergulhava seu ator e aqueles a quem ele foi destinado, é primordial, em todas as etapas de uma análise documental, seja qual tenha sido a época em que o texto em questão foi escrito” [CELLARD, 2010, p. 299]. Desta forma, busco intercruzar a metodologia de história oral e análise de fonte documental para uma melhor compreensão das vivências e desigualdades de gênero existentes na vila operária Rheingantz.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As narrativas exploradas expressam as desigualdades de gênero existente no meio fabril Rheingantz, em que a denúncia da marginalização salarial, ocupacional, rotatividade no trabalho e seletividade nas políticas de benefícios sociais então presentes. Assim como o contramestre Dario Camposilvan (1981) respondeu se havia diferença salarial entre homens e mulheres: “Não, fazendo o mesmo serviço vamos supor. Por ter o mesmo serviço não, mas dependia.... Como, por exemplo, o contramestre ganhava mais que uma tecedeira” (CAMPOSILVAN, 1981, p 26). E como narra Soeli Botelho acerca da política de distribuição de casas para as/os operárias/os: “Para mulher não [...] não só pra homens [...] No tempo dos Rheingantz, é. Não dava pra mulher, só pra homens. Para chefe de família, não é? A única mulher que tinha era a Marina, uma que era caixa geral” (BOTELHO, 1981, p. 15).

Os cadernos contendo a relação de sindicalizadas/os da Sociedade União Operária, demonstram a presença das mulheres, em um número expressivo entre as/os participantes desta entidade representativa. Porém, a partir das atas de posse das diretorias eleitas anualmente, em que foram pesquisadas aquelas da década de 1920 a 1925, não há nenhum cargo ocupado pelas trabalhadoras, sendo as diretorias ocupadas exclusivamente por homens. Esta informação demonstra a invisibilidade e a inacessibilidade das mulheres em relação aos cargos administrativos e representativos na Sociedade União Operária, uma evidência da marginalização da participação das mulheres nesta entidade. Esta inacessibilidade pode ser em ocorrência da tripla/quádrupla jornada de trabalho que a mulher ocupa na sociedade patriarcal, na qual as tarefas de cuidado e domiciliares são destinadas historicamente para o gênero femininos [CISNE,

2015]. Mas, também, pela construção de imagem do operariado: valente, violento e masculino, sendo que as mulheres não se sentem representadas e nem representam este imaginário [BILHÃO, 2005].

#### 4. CONCLUSÕES

Percebe-se que as experiências de classe na fábrica Rheingantz são vividas a partir da multiplicidade de sujeitos inseridos nela e que só podem ser desvendadas a partir da análise do nó que compõem a totalidade da classe trabalhadora: gênero, raça e sexualidade [CISNE, 2015]. E que parte desta multiplicidade de sujeitos: as mulheres irão sofrer com a acentuada exploração do trabalho, justificada pelas construções sociais de gênero, tão enraizadas em nosso cotidiano que são vistas como algo natural/biológico.

#### 5. REFERÊNCIAS

##### Arquivos consultados:

Acervo de História Oral (Centro de documentação histórica – FURG) – Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

##### Referências bibliográficas:

ARRUZZA, Cinzia. Considerações sobre gênero: reabrindo o debate sobre patriarcado e/ou capitalismo. **Outubro Revista**. Nº23, p. 38-58, 2015.

BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e trabalho: análise da construção dos operários porto-alegrense (1896 a 1920)**. 280 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean [et. al.]. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 295-316.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

FERREIRA, M. L. M. Os fios da memória: a Fábrica Rheingantz, entre passado, presente e patrimônio. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 69-98, jan./jun. 2013.

HORNES, Luciana Gerundo. Rheingantz: no passado símbolo de progresso, hoje esquecimento – um projeto pautado na educação histórica. In: **Revista Latino - Americana de História** Vol. 2, nº. 6 – Agosto de 2013 – Edição Especial.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidades**. São Paulo: expressão popular, 2013.528p.



\_\_\_\_\_ **Gênero, patriarcado e violência.** São Paulo: Expressão popular, 2005.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.